

## A TELEVISÃO E A CRIANÇA: SIM OU NÃO?

Ana Maria Costa de Souza\*

Desde quando o rei Tamus disse a Teut que a escrita iria acabar com a memória, toda modificação dos instrumentos culturais da história da humanidade provoca uma crise, tendo de um lado aqueles que se posicionam contrários e, de outro, os que se adequam às novas propostas.

O jornal, o rádio, o cinema, a estória em quadrinhos e junto deles a televisão, um dos maiores fenômenos do mundo atual, surgiram como propostas de colocar os bens culturais à disposição de todos. Encontraram, de um lado, os apocalípticos, contrários a essa maneira leve e agradável da absorção e recepção das informações e, de outro, os integrados, favoráveis ao alargamento da cultura "popular".

O apocalíptico elabora teorias mostrando a decadência da cultura e denuncia a ideologia dos integrados como falsa e de má fé, por estes considerarem um fato positivo a cultura produzida para a massa. Já o integrado censura o apocalíptico por não tentar um estudo concreto dos produtos e das maneiras pelas quais são consumidos.

Para o apocalíptico, a cultura de massa difunde seus produtos de maneira nivelada para não provocar nenhum esforço por parte do fruidor, encorajando uma visão passiva e acrítica do mundo, feitos para empenharem o nível superficial da atenção. Já para o integrado, a cultura de massa é parte de uma sociedade em que todos os cidadãos participam com direitos iguais da vida pública, permitindo que a grande massa tenha acesso aos bens de cultura. Acredita que o acúmulo de informação transforma-se em formação e que, pelo fato de os meios de massa constituírem um conjunto de novas linguagens, têm intro-

---

\* Professora do Dep. de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da UFU.

duzido novos estilemas, promovendo o desenvolvimento nas artes chamadas superiores.

No caso da televisão, em particular, como tudo que revolucionaria, é necessário que se analise seu aparecimento e influência com uma visão crítica e profunda para uma interpretação da "crise" que provoca como um instrumento cultural. Talvez a falta de integração entre os estudiosos e interessados no assunto ocasione um mau aproveitamento da incrível força da TV para se estabelecer decisões culturais.

Num dos diversos ângulos que podem ser abordados para uma discussão entre os apocalípticos e os integrados à televisão, está o problema da linguagem, a influência negativa ou não da TV para a criança que a ela assiste com assiduidade.

Segundo os críticos, a linguagem falada na televisão é deficiente e o vocabulário utilizado é pobre; tanto é que, para eles, as crianças de hoje não se exprimem oralmente com mais facilidade nem dispõem de um vocabulário mais rico, embora isto fosse de se esperar. Mas essas críticas são relativas, já que sem dúvida há um certo zelo, por parte das emissoras, com a gramática e o vocabulário, pois, apesar de um instrumento de comunicação visual, a TV é calcada em textos escritos que são redigidos com cuidado.

O grande problema é que, assim como a escola, a televisão impõe uma linguagem diferente daquela que a criança usa no seu cotidiano, pois precisa utilizar uma linguagem impessoal e intelectualizada que comunique a muitos e diferentes grupos. Isto faz com que seja abandonada a linguagem familiar e personalizada, influenciada por várias expressões locais e hábitos familiares.

Outro fato com relação à TV é que, apesar de muitas críticas serem necessárias, não se pode responsabilizá-la pelo fato de as crianças de hoje lerem pouco. Sempre houve criança leitora e não leitora, assim como existem

alguns adultos que lêem e outros não. O fato de a criança preferir ver televisão a ler um livro se justifica, pois a TV utiliza signos que indicam o papel e a função dos indivíduos de maneira tão agradável e completa que torna inútil sua descrição com palavras; mesmo os sentimentos não precisam ser verbalizados, pois são lidos nas expressões e nos gestos.

Como foi concebida para o entretenimento e o lazer, sabe-se que a TV pode pretender unicamente o nível superficial da nossa atenção. Um livro leva à descoberta do mundo de forma mais lenta, mais difícil, porém oferecendo um prazer mais rico, proporcionando ao leitor a chance de inventar e de identificar-se com os pensamentos dos heróis, o que é difícil acontecer com a televisão. Mas a motivação para a leitura é menor, pois, muitas vezes, é considerada uma obrigatoriedade, deixando de se constituir um prazer, e é pouco estimulada pelos próprios pais, sem tempo ou condições para desfrutá-la com as crianças.

Sabe-se que a linguagem requer uma passagem necessária do concreto ao abstrato e que, para se adquirir o gosto pela leitura, há necessidade de se ter, entre outros requisitos, imaginação bem estruturada para transformar palavras em imagens. Como a escola está voltada para a aquisição da gramática e da escrita, se distancia da transmissão do conhecimento oralmente e com imagens. Não se discute o valor da escrita, pois esta transforma a consciência humana, auxiliando o intelecto a pensar; mas a língua oral também é apoio do pensamento e o audiovisual tem um importante papel na vida social.

A TV possui trunfos que não se pode ignorar: em primeiro lugar, ela existe, é vista por uma grande massa e mostra, ou poderia mostrar, através da imagem um mundo de aventuras, uma descoberta sem restrições de um mundo fantástico.

Não se pode ignorar, também, que num sistema de informação tradicional passavam-se coisas que não afetavam profundamente a vida das massas e é indiscutível que hoje qualquer acontecimento pode ser "vivido", pois a imagem facilita o acesso a ela e a participação.

Pode-se perguntar: e os problemas, não existem? A televisão é auto-suficiente, na presente discussão, para atuar na educação das crianças, de maneira inquestionável?

Claro que existem limites, como por exemplo: se a criança fica por longos períodos diários numa postura de apenas olhar a tela, sem ter oportunidade de verbalizar suas impressões, pode ficar bloqueada dentro de estruturas simples, de uma linguagem pouco elaborada.

A solução estaria na integração entre a escola e a televisão, aprofundando discussões para minimizar suas deficiências e criando oportunidades de ambas serem beneficiadas. Há possibilidades de se elaborar programas que alcancem objetivos pedagógicos, permitindo à escola e à família uma integração na educação da criança. Por exemplo, a escola e a família podem aproveitar o espetacular audiovisual da TV e a riqueza de seus temas e personagens para levarem a criança a recontar as emissões, dando suas impressões e passando do objeto às palavras e frases. O trabalho conjunto de professores e programadores pode levar, como outro exemplo, a uma atividade com o texto verbal mostrando passagens relacionadas, observando diferenças, semelhanças, detalhes que a imagem não transmite na sua totalidade.

A TV pode, também, informar a criança sobre livros que possam interessá-la, utilizando inúmeras estratégias, como começar uma estória, deixá-la inacabada, solicitando à criança que recorra ao livro.

Atividades desse tipo acabariam com a concorrência entre a TV e a escola, tornando-as complementares. Como bem coloca Umberto Eco: "Uma sábia política cultural se-

rá a de educar, provavelmente através da TV, os cidadãos do mundo futuro para que saibam temperar a recepção de imagens com uma igualmente rica recepção de informações escritas.